



Interações rural-urbano: a sociobiodiversidade e o trabalho em portos, feiras e mercados de Belém, Pará

Rural-urban interactions: sociobiodiversity and work system in wharves, marts and marketplaces of Belém, Pará State

Iranilde Souza Silva – Socióloga, Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Pará (PPGCA); Assistente em Ciência e Tecnologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: iranilde@superig.com.br

Edna Maria Ramos de Castro – Doutora em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França. Professora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEAUFPA) e pesquisadora do CNPq. E-mail: edna.mrcastro@gmail.com

Resumo

Muitas espécies que representam a sociobiodiversidade amazônica, além de seu papel ecológico, exercem também impacto na economia através de seus variados usos – alimentar, terapêutico, artesanal, ornamental – e refletem o potencial produtivo das ilhas do município de Belém e de outras partes do estado do Pará. A valorização desses produtos propulsiona as atividades nas feiras, portos e mercados pesquisados – o Complexo do Ver-o-Peso, Porto do Açaí, Porto da Palha, Complexo de Abastecimento do Jurunas e Feira da Orla de Icoaraci – e garante a reprodução de grupos sociais rurais e trabalhadores informais urbanos, os quais se agregam em mais de mil indivíduos diretamente envolvidos em sua comercialização, organizados de maneira individual ou familiar, e na grande maioria recebendo uma renda mensal de um a três salários mínimos. É imprescindível considerar os portos da orla fluvial de Belém como locais de interação entre o rural e o urbano, de modo a permitir uma análise crítica das formas de apropriação da cidade, da produção e reprodução social do trabalho, dos atores envolvidos e dos benefícios da sociobiodiversidade.

Palavras-chave

Sociobiodiversidade. Trabalho. Comercialização. Interações rural-urbano. Belém-Pará.

Abstract

Many species that represent Amazonian sociobiodiversity, in addition to their ecological role, also exert an impact on the economy by means of their various usages – alimentary, therapeutic, ornamental or for handicraft – and reflect the productive potential of the islands of the municipality of Belém and other parts of the State of Pará. The promotion of those products boosts the activities in the marts, wharves and marketplaces studied – the Ver-o-Peso Complex, Porto do Açaí, Porto da Palha, the Jurunas Supply Complex and the Icoaraci Riverbank Mart – and insures the reproduction of rural social groups and informal urban workers, who number over a thousand individuals directly involved in their trade, organized either singly or in families, and mostly earning a monthly income of one to three times the minimum wage. It is essential to consider the riverine waterfront of Belém as a place of interaction between the rural and the urban, so as to allow for a critical analysis of the forms of appropriation of the city, or social production and reproduction of the work system, the actors involved and the benefits of sociobiodiversity.

Keywords

Sociobiodiversity. Work system. Trade. Rural-urban interactions. Belém, Pará State.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, o interesse pelos recursos naturais e pela biodiversidade, desde os tempos coloniais, foi determinante para a ocupação e desenvolvimento da região, e acompanha as fases econômicas de crescimento e declínio, especialmente na Amazônia brasileira. A diversidade biológica ou biodiversidade, além da sua função bioecológica nos ecossistemas, representa também uma fonte de produtos inseridos na economia em maior ou menor escala: através da produção de alimentos e produtos farmacêuticos e cosmetológicos e em outras possibilidades econômicas e de geração de trabalho e renda, garante a reprodução social de populações rurais e de grupos urbanos.

Este estudo¹ tem como eixo o uso social de espécies da biodiversidade – ou sociobiodiversidade² – entre os produtos não madeireiros (PFNM), resultantes de atividades agroextrativistas, as quais podem ser entendidas como forças produtivas na transformação dos recursos extraídos da natureza em *bens de consumo* e *de troca*, atribuindo-lhes valor econômico, com a inserção no mercado para uso alimentar, medicinal, ornamental, artesanal, como matérias-primas e outros. Dentre esses, destacam-se as frutas regionais, verduras, ervas, pescado e mariscos, comercializados em feiras, mercados e portos na área urbana.

O estudo foi realizado na cidade de Belém, por ser o principal polo de escoamento de produtos regionais do estado do Pará, especialmente na extensão da sua orla fluvial, onde se localizam importantes espaços de abastecimento e de interações entre o urbano e o rural. A orla se configura como território provedor e reprodutor das relações sociais e de trabalho, onde aportam produtos regionais que regem as dinâmicas de portos, mercados e feiras, entre eles o Complexo do Ver-o-Peso (mercado e feira), na orla central; o Porto da Palha, Porto do Açai e o Complexo de Abastecimento do Jurunas, na orla sul; e a Feira da Orla de Icoaraci, na orla oeste, delimitados para a observação e coleta de dados, que apresentam características diversificadas na estrutura, atividades, quantidade de trabalhadores e diversidade de produtos comercializados.

¹ Este artigo é resultante da dissertação de mestrado da primeira autora, defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Pará. A primeira versão deste foi apresentada no 5º Encontro da Rede de Estudos Rurais, realizado em Belém-Pará, de 3 a 6 de junho de 2012.

² De acordo com o Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (2009), o termo expressa a inter-relação entre a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais. Os produtos são os bens e serviços (produtos finais, matérias-primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem (BRASIL, 2009).

A cidade é contornada por rios e baías, e a orla fluvial é uma característica marcante da paisagem urbana, com extensão aproximada de 50 km. Além desta característica, historicamente teve a sua maior parte ocupada por indústrias, comércios e serviços de porte grande e médio (44%), e pequeno (33%), galpões (5%) e moradias (2%) e o Estado tem 9% dos terrenos (TRINDADE JÚNIOR; SANTOS; RAVENA, 2005, p. 12-43).

Para a observação empírica deste estudo, elegeu-se a orla fluvial de Belém e seus espaços de comercialização: portos, feiras e mercados. O universo pesquisado foi de 138 trabalhadores que comercializam produtos regionais no Complexo do Ver-o-Peso (86), Porto da Palha (22), Porto do Açai/Complexo de Abastecimento do Jurunas (24) e na Feira da Orla de Icoaraci (6) (Figuras 2a-d), buscando-se identificar os produtos comercializados, os atores, as formas de organização, e outros aspectos do trabalho associado à cadeia de comercialização desses produtos.

Figura 2a-b. Feiras, mercados e portos pesquisados.

a) Complexo do Ver-o-Peso.



b) Porto da Palha.



c) Porto do Açai.



d) Feira da Orla de Icoaraci.

3 BELÉM E O *HINTERLAND*⁵: PARA ALÉM DO URBANO E RURAL

Belém surge, em 1616, como a primeira aglomeração urbana na Amazônia, tendo como marco a edificação do Forte do Presépio, às margens do igarapé do Piri, de onde se inicia a formação da cidade, como extensão do processo de conquista da região pela Coroa portuguesa. A localização estratégica, na confluência da Baía do Guajará com o rio Guamá, tem a configuração marcada pela presença de rios e igarapés, como dinamizadores da vida urbana, pois “o rio é movimento, é comércio, é sociabilidade”, na síntese de Moreira (1966, p. 63). A posição de Belém em relação às águas é determinante na sua dinâmica, além de ser uma das características mais marcantes da paisagem local. Segundo Castro (2006, p. 19), a cidade representa formas múltiplas de ocupação do espaço, de apropriação dos territórios e de seus recursos e, por isso, é o *locus* de tensão, de competitividade e de diferenciações que afetam a organização social no seu conjunto. Considera, ainda, a interação que corresponde à interculturalidade entre o espaço interno da cidade e sua ligação com outras cidades e ambientes do entorno que estão associados às visões e estratégias de seus atores, chamando a atenção para as “centenas de pequenas e grandes ilhas que se espriam pelos rios, quase delimitadas na entrada do mar pela ilha do Marajó. Em Belém são 39, e em Ananindeua, município contíguo a Belém e integrante da Região Metropolitana de Belém, contam-se 32 ilhas, que somadas às de outros municípios próximos, tais como Barcarena, Abaetetuba, Moju e Acará, ultrapassaria uma centena (CASTRO, 2006, p. 13-21).

O conjunto de 39 ilhas representa mais da metade do território do município de Belém. Esta é outra característica ambiental singular na configuração espacial e na dinâmica da cidade, como ressalta Moreira (1966, p. 69):

Se o rio define o plano e engrandece a perspectiva, é nas ilhas, entretanto, quês reside a graça da paisagem belemense. [...] Nenhuma apresenta tão numeroso constelário das ilhas como Belém. Ilhas grandes e pequenas, aluvionárias e não aluvionárias, umas dispostas defronte do litoral da cidade, outras contíguas a esse litoral, outras finalmente na margem oposta do Guamá (MOREIRA, 1966, p. 69, grafia do original).

⁵ Adota-se o termo *binterland* no sentido utilizado por Penteadó (1973), com referência às relações existentes entre o porto de Belém e a terra. Para o autor, a conexão de Belém “com seus diversos tipos de *binterlands* está ligada intimamente à navegação fluvial, na grande bacia amazônica” (PENTEADO, 1973, p. 123, 147).

Para além da configuração geográfica, a relação da cidade com as ilhas é importante pela proximidade de áreas preservadas e pelo contato com populações que mantêm o modo de vida ribeirinho, utilizando-se dos recursos naturais e florestais para a subsistência e como fonte de trabalho e renda. A maioria das ilhas localiza-se em ecossistema de várzea⁶, com inundações sazonais, por influência das marés. Em geral, são áreas densamente florestadas e com baixa densidade populacional, o que favorece a preservação ambiental.

O vínculo historicamente construído teve a base nas conexões entre interior e cidade, e foi dinamizado por fatores sociais, econômicos e históricos, envolvendo o trabalho dos produtores – na pesca, coleta, extrativismo e outros serviços – que alimentaram a demanda dos pequenos, médios e grandes centros regionais, destacando-se o papel de Belém como centro catalizador e redistribuidor de bens e serviços (FURTADO; SOUZA, 2006, p. 177). Esse papel segue o modelo da sociedade de consumo, na lógica da economia globalizada e acompanha os rumos da Amazônia contemporânea, objetivando responder às exigências do mercado mundial.

Na Belém atual, criam-se novos espaços de comunicação entre as populações – a inserção de padrões produtivos, a expansão da cidade e as novas formas de ocupação e verticalização do espaço, ao mesmo tempo em que coexistem padrões tradicionais de produção de bens e serviços, e de informalidade acompanhada da precarização da vida urbana. Essa coexistência reproduz traços culturais da cidade que redesenha a passos largos a sua geografia e avança em território na dinâmica da metropolização (CRUZ et al, 2011), mas ainda mantém fragmentos florestais, parques, áreas de proteção ambiental e comunidades com modos de vida tipicamente ribeirinho (LISBOA, 2009).

Por essas características e singularidades, a orla fluvial de Belém foi o espaço privilegiado para a observação e trabalho de campo, especialmente pela sua ocupação por atividades voltadas ao escoamento da produção rural, pela sua importância nos aspectos socioculturais e nas interações e vínculos entre a cidade e o interior do estado (NUNES, 2008), incluindo a configuração de Belém como uma metrópole que mantém traços de cidade ribeirinha.

⁶ A várzea é um sistema relativamente aberto, e apresenta rápido transporte e ciclagem de nutrientes, o que produz maior resiliência, pela capacidade de um ambiente voltar a sua estabilidade ou equilíbrio inicial após perturbação (SILVA; ALMEIDA, 2004, p. 40).

3 A BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO NA AMAZÔNIA

Na história econômica da região, a inserção amazônica no mundo foi a da exploração das drogas do sertão⁷, com base na mão de obra indígena e cabocla. A segunda fase, iniciada no século XIX baseou-se nas matérias-primas de origem vegetal, como essências, resinas, cascas e principalmente a borracha, derivada do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*), que determinou “o período de maior prosperidade aparente da região, de que resultaram alguns monumentos e traços culturais ainda hoje visíveis” (SANTOS, 1980; MENDES, SACHS, 1997, p. 134-135).

Posteriormente, emerge fase econômica baseada na exploração de matérias-primas de origem mineral, como ferro, manganês, alumínio, cobre, ouro e minerais nobres, paralela à ocupação espaço, pela intervenção governamental com a implementação do Programa de Integração Nacional – viabilizado em parte pela abertura da Rodovia Transamazônica e de outras autoestradas, o que possibilitou a entrada de imigrantes de todas as regiões do país (Ibid.).

Mais recentemente, a região foi novamente evocada internacionalmente pela sua importância estratégica como a última reserva mundial de energia, com o maior de banco genético de espécies da biodiversidade de todo o mundo e pela necessidade de conservação deste bioma (MENDES; SACHS, 1997). Este último aspecto se refere aos impactos ambientais provocados pelo uso da terra e dos recursos naturais de forma predatória, que podem determinar até mudanças climáticas em escala global, como aponta Capobianco (2001):

Nas discussões sobre alternativas de desenvolvimento econômico, aliado à conservação do meio ambiente, as questões relacionadas à Amazônia tomam proporções planetárias, pela sua posição estratégica para a estabilidade ambiental do planeta (CAPOBIANCO, 2001).

A conservação dos recursos naturais figura entre as principais preocupações em termos mundiais, frente à ameaça da extinção de espécies e o possível colapso dos ecossistemas, devido à interdependência entre os elementos existentes nas florestas. Como consequência, haveria a perda de “seus produtos (benefícios), que podem ser vistos desde a matéria-prima (madeira, produtos farmacêuticos etc.) até as condições climáticas, fortemente influenciadas por eles” (MARTINS, 2009).

⁷ Segundo Oliveira (1983, p. 170), as Drogas do Sertão eram o cacau, a salsaparrilha, o urucu, o cravo, a canela, o anil, as sementes oleaginosas, as raízes aromáticas, o puxuri, a baunilha e, também, as madeiras. Acrescentam-se a essas, o milho, a batata doce, a mandioca, o cacau, a baunilha, tomate, o amendoim, a pimenta, o mamão, o maracujá, o abacate, o açáí, no cupuaçu, no bacuri, conforme Mendes e Sachs (1997, p. 133-134).

Com essas discussões, o desenvolvimento de sistemas sustentáveis para produtos florestais vem sendo apontado como uma das alternativas capazes de contribuir para a preservação da biodiversidade (DIEGUES et al., 2000). Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável “traz consigo a necessidade de ultrapassar a dicotomia instaurada entre natureza e sociedade como meio de reconciliar a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento econômico e social” (CASTRO; PINTON, 1997, p. 10).

Além dos benefícios sociais, como alternativas de geração de renda e trabalho para populações tradicionais, os PFNM têm sido valorizados também pelos serviços ambientais. Fearnside (2003) apresenta importantes aspectos, ligados ao seu uso, como a manutenção da biodiversidade e a regulação do clima, considerando-se a possibilidade de valoração dos produtos e as medidas que podem ser tomadas para a preservação da floresta, com a participação das populações tradicionais.

Os povos da floresta não são apenas consumidores desses produtos, mas agentes dos tipos de intervenção de baixo impacto ambiental: grupos indígenas e extrativistas trazem da herança ancestral os conhecimentos acumulados desde a pré-história sobre o aproveitamento desses recursos na alimentação, nas práticas curativas e medicinais e no melhoramento do solo (OLIVEIRA, 1983; FURTADO; SOUZA, 2006).

Estas reflexões acerca do desenvolvimento sustentável têm por base a relação das populações com o seu território pela via do trabalho, como estratégia de subsistência e reprodução socioeconômica, tendo como elo o uso social e o interesse econômico pelos produtos regionais. Na associação entre os agentes envolvidos no escoamento da produção rural, o trabalho informal é considerado a principal categoria de análise neste estudo, por agregar diversas categorias de trabalhadores que atuam em feiras mercados e portos da cidade de Belém.

4. A BIODIVERSIDADE EM CIRCULAÇÃO NO MERCADO LOCAL

A inserção da produção do *Hinterland* no mercado local é realizada através de uma rede de atravessadores ou diretamente com feirantes nos portos e feiras de Belém, e garante a composição da renda familiar da população do interior. Como a produtividade varia com a sazonalidade, obedecendo às safras e entressafras, os produtores recorrem à associação de produtos (SILVA, 2010).

Nas trocas comerciais associadas aos produtos regionais, os principais produtos recebidos das ilhas de Belém são o açaí, o pescado e o camarão, seguidos do cacau, frutas regionais, macaxeira, carvão vegetal, mandioca, hortaliças, coco e

Tabela 1. Procedência e volume (kg) de hortifrutigranjeiros nos Portos de Belém em 2010.

Procedência	Feira do Açai	Porto da Palha	Porto do Açai	Porto de Icoaraci	Total Geral
Abetetuba	3.585.635	0	44	40.155	3.625.834
Acará	5.329.880	4.561.044	2.158.707	191.400	12.241.030
Anajás	5.422.350	0	1.356.610	-	6.778.960
Amazonas (Cidades)*	4.612.075	0	0	-	4.612.075
Barcarena	2.679.816	360	612.920	95.875	3.388.971
Belém (Ilhas)	371.751	768.937	350.713	1.954.978	3.446.379
Bujaru	929.776	353.970	-	-	1.283.746
Cachoeira do Arari	14.899	-	-	1.612.161	1.627.060
Cachoeira do Pirá	89.325	-	-	-	89.325
Cametá	2.351.770	-	72.800	-	2.424.570
Capitão Poço	852.856	-	-	175.440	1.028.296
Castanhal	68.975	-	-	-	68.975
Chaves	1.705.975	-	-	-	1.705.975
Curruça	280	-	-	-	280
Igarapé-Açu	409.007	-	-	-	409.007
Igarapé-Miri	1.560.573	-	322.140	-	1.882.713
Maranhão	209.065	-	0	-	209.065
Mojú	1.293.627	-	730.343	6.000	2.029.970
Muaná	1.867.735	-	18.142.961	-	20.010.696
Oeiras do Pará	9.860	-	-	-	9.860

Tabela 1. Procedência e volume (kg) de hortifrutigranjeiros nos Portos de Belém em 2010. (Continuação)

Procedência	Feira do Açaí	Porto da Palha	Porto do Açaí	Porto de Icoaraci	Total Geral
Paragominas	1.840	-	-	-	1.840
Pernambuco (Cidades)*	332.050	-	-	-	332.050
Ponta de Pedras	5.231.514	-	-	793.986	6.025.500
Salvaterra	795.592	-	-	166.981	962.573
Santa Izabel	2.585	-	-	-	2.585
Santa Luzia	152.926	-	-	-	152.926
Santo Antonio do Tauá	2.600	-	-	26.440	29.040
São Domingos do capim	-	190.405	-	71.220	261.625
São Miguel do Guamá	176.612	-	-	-	176.612
São S. Boa vista	-	-	25.200	-	25.200
Soure	337.005	-	-	-	337.005
Tomé Açú	30.776	-	-	203.210	233.986
Vígia	20.087	-	-	5.688	25.775
Viscu	15.025	-	-	-	15.025
Total	40.463.842	5.874.716	23.772.438	5.343.534	75.454.529

Fonte: SECON, 2010. Volume: (Kg). Adaptação: Iracide Silva, 2011.

Tabela 2. Espécies/volume (kg) de pescado e mariscos nos portos de Belém, 2010.

Espécies	Volume (kg)	Espécies	Volume (kg)
Pescado		Pardo	13.725
Acará	2.790	Pescada Amarela	648.464
Acari	5.280	Pescada Branca	509.110
Aracu	22.992	Pescada Gó	362.809
Arraia	30.112	Peixe-pedra	11.629
Bagre	38.545	Piranutaba	285.797
Bandeirado	70.912	Piranha	2.255
Cação	35.478	Pirapema	25.519
Cachorrinho	6.958	Pratiqueira	133.672
Cambeua	650	Sarda	118.232
Camorim	10.488	Sardinha	660
Cangata	1.550	Serra	67.020
Curimata	22.603	Surubim	4.267
Corvina	114.636	Tainha	248.722
Dourada	1.107.093	Tambaqui	27.300
Enchova	8.763	Tamuatá	133.825
Filhote	397.562	Timbiro	2.500
Gurijuba	243.653	Traira	6.382
Jacundá	500	Tucunaré	36.504
Jaraqui	1.820	Urisica	4.120
Jurupiranga	235	Urutinga	2.804
Mandii	450	Xareu	74.457
Mandurer	245	Mariscos	
Mapará	48.074	Camarão (kg)	174.290
Matrichã	30	Mexilhão (saco)	4.294
Mero	5.418	Caranguejo (Panciro)	97.135
Pacamu	8.815	Siri (Panciro)	20.168
Pacu	6.986	Camarão (kg)	174.290
TOTAL GERAL: 5.382.588 kg.			

Fonte: SECON, 2010. Adaptação: Iraneide Silva, 2011.

5 O TRABALHO NOS PORTOS, FEIRAS E MERCADOS DA ORLA

Este estudo volta-se ao trabalho de feirantes e outros agentes, no comércio de produtos regionais como frutas, verdura, óleos, fibras, plantas, peixes e mariscos, resultantes do extrativismo e da agricultura, que ainda expressam, o modo de vida e organização de trabalho de produtores rurais, que escoam esses produtos por meio do comércio varejista nas cidades, envolvendo múltiplos atores na atividade comercial, em espaços disponibilizados pelo poder público.

Em Belém, esses produtos regionais ingressam no mercado através dos portos comerciais e do CEASA, e são redistribuídos para 50 (cinquenta) feiras e mercados localizados nos bairros da cidade (SILVA, 2011). Esses espaços que são geridos pela Secretaria Municipal de Economia (SECON), órgão responsável pela criação, funcionamento, controle e sistematização de dados sobre o volume de produtos disponíveis para comercialização, bem como as formas de ocupação dos espaços, de acordo com a quantidade de trabalhadores (permissionários)⁸ e tipos de equipamento (barracas, boxes, loja, tabuleiros e outros), seguindo a legislação específica (Decretos PMB nº 26.580/1994 e nº 26.579/1994). Os portos comerciais recebem um grande número de trabalhadores do interior, que encontram os trabalhadores da cidade envolvidos na dinâmica da circulação e comércio de produtos regionais.

Entre os principais espaços de comercialização de produtos regionais em Belém, destaca-se o Complexo do Ver-o-Peso, localizado no centro da cidade, que ocupa mais de 26.000 m², incluindo o Mercado de Ferro (ou Mercado de Peixe), o Mercado Municipal de Carne, a Praça do Pescador, a Praça do Relógio, e também a mais movimentada feira livre de Belém (CAMPELO, 2010). O complexo é referência para as demais feiras e mercados, com cerca de 1.000 equipamentos e agrega mais de 1.200 trabalhadores, e pela diversidade de produtos ofertados.

Na extensão da orla sul, o Porto da Palha é um entreposto comercial e espaço de intermediação entre o rio e a cidade, como local de trabalho, de comércio, de passageiros e de moradias. Este porto agrega cerca de 140 trabalhadores cadastrados, que se juntam a muitos produtores, atravessadores e carregadores nas atividades diárias. A feira é estruturada com 107 barracas, 31 tabuleiros e dois tanques, e são vendidos farinha, açaí batido, frutas, verduras e hortaliças, artesanato, embutidos, lanches e refeições, peixe e camarão fresco e salgado, caranguejo etc.

Ainda na orla sul, o Porto do Açaí, é um dos principais espaços de escoamento dos frutos de açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) das ilhas e do interior do

⁸ O termo Permissionário é utilizado pela SECON, referente aos trabalhadores cadastrados que atuam em feiras livres, mercados e hortomercados no município de Belém.

Estado, e também lá se encontram farinha, frutas, carvão e outros. Agrega 93 permissionários, sendo 58 são cadastrados e 35 não cadastrados, que ocupam os 34 boxes, 9 barracas e 50 arreados. Além desses, recebe trabalhadores avulsos, entre produtores, atravessadores, carregadores e outros ambulantes. Pela proximidade, o porto se associa ao Complexo de Abastecimento do Jurunas, estruturado como hortomercado, com 183 barracas, 207 boxes, 49 tabuleiros, 10 talhos, 12 tanques, para a venda de hortifrutigranjeiros, ervas, peixe, camarão, caranguejo, carnes e vísceras, frango e outros produtos, com 309 permissionários cadastrados.

Na orla oeste, a Feira da Orla de Icoaraci foi instalada às proximidades do porto há mais de 10 anos, com 24 feirantes não cadastrados, que ocupam nove barracas de madeira, três de alvenaria, 13 tabuleiros e barracas desmontáveis, onde são comercializados hortifrutigranjeiros, refeições, peixe, camarão e caranguejo. Esta feira atualmente está em vias de regularização pela SECON.

Nesses espaços, o universo de trabalhadores é predominantemente masculino (83,3%), na faixa etária entre 39 e 49 anos. As mulheres representam 16,7%, na mesma faixa etária. Muitos têm vínculos familiares com o trabalho (71,7%), pois iniciaram com parentes e permanecem nesta atividade. Mais da metade dos trabalhadores (61,6%) nunca teve emprego formal e o restante já trabalhou em um ou mais empregos com carteira assinada e migrou para o trabalho informal (38,8%).

As categorias de trabalho, em geral remetem aos produtos ou serviços. Segundo a autoidentificação dos trabalhadores, a mais representativa foi a de feirante (47,3%), seguida de erveiro/a (5,3%), peixeiro (11,3%), artesãos (3,3%), vendedor (8,0%), autônomo (14,0%) e outras (10,0%). Foram identificadas ainda categorias como atravessadores (34,6%), produtores (20,9%), além de funções auxiliares como carregador (31,9%), lavador (6,8%), arrumador (1,9%) e outros ajudantes (3,8%).

Quanto à organização do trabalho, predominam a iniciativa individual sem auxiliares (52,18%) e a familiar (42,03). As jornadas em geral são de seis dias por semana (51,4%), de oito a doze horas/dia; muitos trabalham todos os dias, sem folgas (36,2%). Nos portos a jornada de produtores e atravessadores é aparentemente menor, pois consideram o tempo de estadia, e não somam o tempo de viagem até Belém.

Na composição da renda, a amostragem baseia-se no salário mínimo (SM). A maioria dos trabalhadores (83,4%) encontra-se na faixa de 1 a 3 salários mínimos, poucos (13,04%) chegam a 3 a 5 salários mínimos e raros (3,17%) superam cinco salários mínimos, que percebemos no comércio de açaí e de

peixe seco por atacado. Por outro lado, poucos (1,45%) têm renda inferior a um salário mínimo. As faixas de renda independem da divisão por sexo ou do tempo de trabalho, visto que a maioria (30,4%) permanece por mais de 30 anos na atividade, porém, na faixa de um a três salários mínimos.

Entre os fatores que impactam as condições de trabalho nos respectivos espaços, os problemas de infraestrutura foram os mais citados, mesmo em locais padronizados como o Ver-o-Peso e o Complexo do Jurunas. Houve críticas à atuação da SECON na fiscalização e atenção aos feirantes, na dificuldade de acesso aos serviços de segurança e limpeza, que, segundo a maioria, prejudicam as vendas e “afastam a freguesia”.

Os dados apresentados sobre o trabalho informal em portos, feiras e mercados, refletem, de um lado, o trabalho de agricultores e extrativistas para a subsistência de populações do interior do Pará; de outro, as diversas categorias vinculadas à cadeia comercial desses produtos no ambiente urbano. Essas atividades representam a principal fonte de renda para um grande contingente de trabalhadores do mercado informal, associados ao escoamento da produção das ilhas e do interior paraense, fortalecendo as interações e vínculos entre os ambientes rural e urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações urbano-rural são percebidas nas trocas comerciais associadas aos produtos regionais – ou recursos da sociobiodiversidade –, de uso alimentar, medicinal, ornamental, artesanal e outros, pela via do trabalho de extrativistas e produtores rurais e de trabalhadores informais nas complexas redes de intermediação que se realizam nos portos, feiras e mercados localizados na orla fluvial de Belém.

No universo pesquisado, prevalece o trabalho informal, em espaços de uso permitido, agregando mais de 1.000 trabalhadores diretamente envolvidos na comercialização de produtos regionais, cujas atividades se caracterizam pela forma de organização individual ou familiar. A grande maioria tem a renda mensal de um a três salários mínimos, e poucas categorias têm renda superior, independente do tempo de trabalho.

Muitas espécies que constituem a sociobiodiversidade amazônica, além do seu papel ecológico, exercem impacto na economia, principalmente alimentos e matérias-primas. Estas espécies fazem parte da dieta alimentar ou têm outros usos – terapêuticos, artesanais, ornamentais – e representam um forte traço

cultural da região. Esses recursos refletem o potencial produtivo das ilhas e municípios paraenses, pelo volume e variedade de produtos, com destaque para as frutas regionais e o pescado, entre os recursos mais comercializados. A valorização desses produtos apresenta-se como propulsora das atividades nas feiras, portos e mercados pesquisados garantindo a reprodução de grupos sociais tanto no ambiente rural quanto a trabalhadores informais no ambiente urbano.

Portanto, conhecer a realidade do trabalho em portos, feiras e mercados da orla fluvial de Belém, enquanto espaços de interação urbano-rural, torna-se primordial para uma análise crítica das formas de apropriação da cidade, da produção e reprodução das formas de trabalho, dos atores envolvidos e dos benefícios da sociobiodiversidade.

REFERÊNCIAS

BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. **Anuário Estatístico do Município de Belém 2010**. v. 15. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2011. 440p.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade**. Brasília: MDA; MMA; MDS, 2009.

CAPOBIANCO, J. P. R. (Org.). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira**. São Paulo: Estação Liberdade; Instituto Socioambiental, 2001. p. 13-15.

CASTRO, E. Introdução: uma incursão temática à Belém. In: CASTRO, E. (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006. p. 25-43.

CASTRO, E.; PINTON, F. (Orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup; UFPA/NAEA, 1997. 446 p.

CASTRO, E.; SANTOS, M. A. Belém de águas e de portos: ação do Estado e modernização na superfície. In: CASTRO, E. (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006. p. 25-43.

CASTRO, E. (Org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo. E. Annablume, 2009.

CRUZ, S. H. R.; CASTRO, E.; SÁ, M. E. R. Grandes projetos urbanos em metrópoles amazônicas: modernização e conflito. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 2, dez. 2011, p. 89-116

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F. DA.; FIGOLS, F.A.B. ANDRADE, D. (Orgs.). **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP/NUPAUB; PROBIO/MMA; CNPq, 2000. 209 p.

FEARNSIDE, P.M. **A Floresta Amazônica nas Mudanças Globais**. Manaus: INPA, 2003. p.19-44.

FURTADO, L. G.; SOUZA, M. A. M. de. Belém, ocupação humana e uso dos recursos do estuário. In: CASTRO, E. (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006. p. 161-178.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo>> Acesso em: 11 ago. 2012.

LISBOA, P.L.B. (Org.). **Aurá: comunidades e florestas**. Belém: MPEG, 2009, 274p.

MARTINS, M.B. Biodiversidade, ética e educação para a conservação. In: D'INCAO, M.A.; SILVEIRA, I.M da. *A Amazônia e a crise da modernização*. 2. ed. Belém: ICESA/UFPA; MPEG, 2009. p.35-37.

MENDES, A.D.; SACHS, I. A inserção da Amazônia no mundo. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup; UFPA/NAEA, 1997. p. 133-146.

MOREIRA, E. **Belém e a sua expressão geográfica**. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

NUNES, B. F. Interface entre urbano e o rural na Amazônia brasileira. In: CASTRO, E. (Org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

OLIVEIRA, A.E. de. Ocupação Humana. In: SALATI, E. et al. **Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1983. p. 144-327.

PENTEADO, A. R. **O Sistema Portuário de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo)

REBÊLO, G. H. ET al. O desafio do desenvolvimento sustentável no manejo de produtos florestais não-madeireiros: obstáculos e oportunidades na várzea do Amazonas. In: SALOMÃO, R. P.; TEREZO, E. F. M.; JARDIM, M. A. G. (Orgs.). **Manejo florestal nas várzeas: oportunidades e desafios**. Belém, MPEG, 2007. p. 177-208.

SANTOS, R. A. de O. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SILVA, P. J.D. da; ALMEIDA, S.S. de. Estrutura ecológica de açaiçais em ecossistemas inundáveis da Amazônia. In: JARDIM, M.A.G.; MOURÃO, L.; GROISSMAN, M. **Açaí**: possibilidades e limites para o desenvolvimento sustentável no estuário amazônico. Belém: MPEG, 2004. p. 37-52. 274p. (Coleção Adolpho Ducke).

SILVA, I.S. **Trabalho e sociobiodiversidade**: interações rural-urbano na orla de Belém do Pará. 2011. 178f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SILVA, S.B. **Belém e o ambiente insular**. Belém: UFRA, 2010.

TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C.; SANTOS, E. R. C.; RAVENA, N. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C.; SILVA, M. A. P. da. (Orgs.). **Belém**: a cidade e o rio na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2005.

Texto submetido à Revista em 04.09.2012
Aceito para publicação em 03.02.2013